

BASEADO NO FAMOSO CURSO DA UNIVERSIDADE YALE

SOBRE A VIDA E O VIVER

Reflexões
para descobrir
o que realmente
importa

MIROSLAV VOLF, MATTHEW CROASMUN
e RYAN McANNALLY-LINZ

*Aos nossos alunos do curso Life Worth Living,
ministrado em Yale e mundo afora:
este livro é dedicado a vocês. Esperamos que ele
reflita o que aprendemos juntos.*

*Aos nossos leitores: sua vida vale a pena.
Esperamos que com este livro vocês valorizem ainda
mais nossa humanidade compartilhada.*

INTRODUÇÃO

Este livro pode desordenar sua vida

Antes de se tornar o Buda, Sidarta Gautama levava uma vida bastante boa. Era um príncipe e desfrutava dos luxos e privilégios da realeza. Morava num palácio opulento, comia iguarias finas e vestia belas roupas. Seu pai zelava por ele e o preparava para um dia governar o reino. Sua esposa, uma princesa, esperava seu primeiro filho.

Sidarta tinha riqueza, poder e uma família feliz. Todo dia ele provava os frutos da boa vida. Até que tudo perdeu a graça.

Certo dia, cavalgando pelo parque real, Sidarta viu um ancião muito debilitado e ficou chocado com a trágica decadência da idade. No dia seguinte, no mesmo parque, encontrou um homem doente. E um dia depois se deparou com um cadáver em decomposição. Abalado com o sofrimento que parecia permear a existência, voltou mais uma vez ao parque, no dia do nascimento de seu filho. Dessa vez encontrou um monge viajante e foi tomado pelo impulso de renunciar à realeza.

Naquela mesma noite, Sidarta abandonou tudo para buscar a iluminação. Não parou para se despedir da esposa nem do filho recém-nascido, por medo de perder a coragem. Agora sua vida era uma busca. Tinha visto a verdade do sofrimento e não pararia de procurar enquanto não encontrasse um modo de derrotá-lo. Começou a jejuar e a disciplinar o próprio corpo, tentando alcançar a libertação através do esforço espiritual. Nada disso adiantou. Então foi procurar em outros lugares.

Vários anos depois de sair de casa, Sidarta estava sentado, imóvel, embaixo de uma figueira. Meditara por sete semanas até finalmente alcançar o co-

nhecimento que vinha procurando: o sofrimento vem do desejo. Assim, quem se libertar do desejo será libertado do sofrimento. Dedicou o resto da vida a propagar essa ideia, entregando o dom da iluminação a qualquer um que o recebesse. Quase 2.500 anos depois, seus ensinamentos moldam a vida de milhões de budistas e incontáveis outras pessoas que encontraram valor nesse modo de vida.

ANTES DE SE TORNAR CONHECIDO como o primeiro papa, Simão era um homem comum. Vivia numa casa pequena, num vilarejo perto de um laguinho num modesto feudo de um império gigantesco. Tinha se casado com uma moça do vilarejo e morava perto dos sogros. Como muitos de seus vizinhos, ganhava a vida como pescador. Passava muitas noites no lago com seu irmão, André, procurando peixes. No sétimo dia da semana, como ordenava a lei de Deus, descansava e comparecia aos cultos na sinagoga local.

Ofício estável, família, comunidade. Não era uma vida de luxo, mas era respeitável e cheia de bondades comuns. Até que um chamado virou tudo de cabeça para baixo.

“Sigam-me.” Da margem do lago, Jesus, o novo mestre vindo de Nazaré, chamou André e Simão. Fosse outro o contexto, aquilo seria loucura. Quem vai até dois sujeitos que estão trabalhando e manda largarem tudo e o seguirem? Mas Jesus falava com uma autoridade surpreendente. No povoado, diziam que suas pregações emanavam verdade, que suas palavras tinham poder, que coisas espantosas aconteciam quando ele estava presente.

Por algum motivo, Simão o seguiu. Durante três anos ele o ouviu e tentou entender o que ouvia. Admirado, testemunhou um milagre após outro. Aprendeu a chamar aquele homem não simplesmente de “mestre”, mas de “Senhor”. E esse Senhor, por sua vez, lhe deu um novo nome: Pedro, que significa “pedra”. Acontece que Pedro muitas vezes não se comportava à altura de seu nome. Ele se equivocava, mostrava-se excessivo em seu fervor e no momento mais importante perdeu a coragem: quando as autoridades prenderam Jesus, Pedro alegou nem sequer conhecê-lo. Enquanto soldados imperiais crucificavam seu Senhor, ele

apenas assistia, inerte. Tudo teria sido em vão, todo o tempo que passara seguindo Jesus. Só que no terceiro dia, espantosamente, ele reencontrou seu Senhor, ressuscitado.

A partir daí, toda a vida de Pedro foi dedicada a viver segundo os ensinamentos de Jesus, espalhando sua palavra. Comandou por anos a crescente comunidade de seguidores. Não eram muitos os pescadores que se afastavam de casa por uma distância maior do que uma peregrinação de 150 quilômetros até Jerusalém. E no entanto a missão de Pedro o levou à Síria, à Grécia e até mesmo à capital do Império, Roma. Por fim, levou-o à morte. Segundo a tradição cristã, Pedro foi crucificado em Roma. Dizem que ele insistiu em ser crucificado de cabeça para baixo, porque não era digno da honra de morrer como seu Senhor.

ANTES DE SE TORNAR HEROÍNA do movimento contra os linchamentos e ícone da libertação dos negros e das mulheres, Ida B. Wells era uma jovem tentando ganhar a vida em circunstâncias difíceis. Nascida em escravidão no Mississippi e libertada na infância pela Proclamação da Emancipação, aos 16 anos Ida perdeu os pais e o irmão bebê numa epidemia de febre. Para sustentar os irmãos sobreviventes, começou a trabalhar como professora. Aos 20 e poucos anos, tinha poupado o suficiente para comprar um terço da participação num jornal que vinha crescendo, o *Free Speech*, e iniciar sua carreira no jornalismo. As coisas estavam melhorando. Até que uma injustiça terrível, ainda que previsível, mudou tudo.

Em 9 de março de 1892, Thomas Moss, Calvin McDowell e William “Henry” Stewart foram linchados nos arredores da cidade de Memphis, no Tennessee. Para Ida, esse crime foi algo pessoal: ela era madrinha da filha de Moss, Maurine.

A experiência levou Ida a perceber que havia se alimentado de uma mentira: “Como muitas pessoas que tinham lido sobre os linchamentos no Sul dos Estados Unidos, eu havia aceitado a ideia amplamente difundida: que, apesar de o linchamento ser ilícito e contrário à lei e à ordem, a raiva irracional contra o terrível crime de estupro levava ao linchamento; que talvez os criminosos merecessem a morte e a turba estivesse justificada ao tirar sua vida.”¹ Mas Ida conhecia Moss, McDowell e Stewart. Eles “não tinham

cometido nenhum crime contra mulheres brancas”. De repente ela percebeu que o linchamento era, na verdade, “uma desculpa para se livrar de negros que estavam adquirindo riqueza e propriedades e, com isso, manter a raça aterrorizada”. Poucas outras pessoas no seu tempo falaria essa verdade com tanta clareza.

Quando Ida disse isso explicitamente em letra impressa, “uma comissão de cidadãos importantes” (isto é, um grupo de justiceiros brancos) destruiu a redação do *Free Speech* e deixou um bilhete dizendo que “quem tentasse publicar aquele jornal de novo seria castigado com a morte”.² Ida perdeu seu jornal, mas permaneceu firme na vocação de dizer a verdade sobre os linchamentos num mundo que não queria ouvir.

Ela pesquisou cuidadosamente os casos de linchamento por todo o país e publicou suas descobertas em panfletos de ampla circulação. Discursou em toda a América do Norte e na Inglaterra. Influenciou a fundação da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor. Trabalhou incansavelmente pelos direitos das mulheres, ajudando a fundar a Associação Nacional de Clubes das Mulheres de Cor e o Clube Sufragista Alfa. Em 2020, Ida B. Wells foi homenageada postumamente com uma citação especial do Prêmio Pulitzer. Milhões de pessoas já se beneficiaram do seu trabalho incansável e do seu compromisso inflexível com a verdade.

A Pergunta

Gautama Buda: o príncipe privilegiado que se tornou o venerável fundador de uma das maiores tradições do mundo. Simão Pedro: o falho seguidor de Jesus que se tornou a pedra sobre a qual foi construída a Igreja cristã. Ida B. Wells, a professora inabalável que se tornou o ícone da verdade para a libertação dos negros e das mulheres. Três pessoas muito diferentes, com vidas muito distintas. O que suas histórias têm em comum é uma experiência que colocou seu modo de viver em perspectiva. O que antes era normal se tornou questionável. Alguma coisa – talvez tudo – precisava mudar.

Nessas experiências havia uma pergunta fundamental, difícil de ser formulada. Existem incontáveis maneiras de tentar expressá-la: O que é mais importante? O que é uma vida boa? O que seria uma vida próspera? Que

tipo de vida a humanidade merece? O que é viver de verdade? O que é certo, verdadeiro e bom?

Nenhuma dessas frases captura completamente a ideia. A pergunta que elas tentam fazer é sempre maior. Sempre escapa a uma definição completa. Mas isso não a torna menos real ou menos importante. Por mais difícil que seja defini-la, ela é a Pergunta da nossa vida. A Pergunta envolve mérito, valor, bem e mal, sentido, propósito, objetivos e fins, beleza, verdade, justiça, o que devemos aos outros, o que é o mundo, quem somos nós e como vivemos. Tem a ver com o sucesso ou o fracasso da nossa vida.

Sejam quais forem as palavras usadas, quando a Pergunta aparece, ela ameaça (ou promete?) remodelar tudo. Para Sidarta, depois de sua renúncia, nada jamais foi como antes. Nem para Simão, depois do seu chamado, ou para Ida B. Wells, depois de rebelar-se contra o assassinato dos amigos. Há quem diga que a vida deles foi totalmente desordenada. Mas eles diriam que foi reorientada. É verdade que renunciaram a muita coisa. (No caso de Ida, a perda foi dupla. As coisas de que ela abriu mão vieram se somar ao que a turba de linchadores havia tomado dela.) Mas o que eles ganharam – transformação, uma orientação radicalmente nova em relação ao mundo e ao lugar deles nesse mundo, um novo impulso para a vida – foi qualitativamente mais importante. De fato, foi mais importante para cada um deles do que a própria vida.

Este livro é sobre a Pergunta.

Vamos mapear a topografia dessa Pergunta, indicar marcos e desenhar fronteiras. E vamos equipar você com alguns hábitos de reflexão especificamente adequados para acionar essa que é a pergunta mais significativa (e escorregadia) de todas. Sempre que ela surgir, você terá os recursos necessários para escutá-la e formular uma boa resposta. Pense nesta obra como um atlas e um kit de ferramentas.

Claro, ler o livro não terá o mesmo impacto que uma gigantesca experiência de vida. Perder amigos para a violência da supremacia branca, encontrar um mestre que parece corporificar o poder e a verdade de Deus, enxergar subitamente a profundidade do sofrimento humano – impactos como esses não podem ser planejados, previstos ou provocados por um livro.

Mas a Pergunta é imprevisível. Quando a verdade e o valor estão em jogo, até mesmo um livro pode levar a uma mudança drástica. Frederick Douglass (1818-1895) leu *The Columbian Orator* (O orador colombiano)

quando era um jovem escravizado e encontrou não somente uma formação em retórica, mas também uma visão de liberdade e direitos humanos.³ A Pergunta pode aparecer quando menos esperamos. Ela espreita atrás dos momentos aparentemente comuns da vida, sempre pronta para virar as coisas do avesso e nos colocar em caminhos surpreendentemente novos.

Talvez tudo isso pareça assustador. Até mesmo avassalador. Talvez você esteja com um pequenino nó na garganta. Tudo bem. Na verdade é um bom sinal. Se tudo isso parece um pouco fora da sua alçada, significa apenas que você entende os riscos. A boa notícia é que você não está só.

Encontrando alguns amigos

O pensador cristão e romancista C. S. Lewis (1898-1963) fazia uma distinção entre meros *companheiros* e *amigos* de verdade. Com nossos companheiros compartilhamos alguma atividade, seja uma religião, uma profissão, uma área de estudos ou apenas um passatempo predileto. Tudo isso é bom, mas não é *amizade* no sentido do termo para Lewis. A amizade exige algo mais: uma *pergunta* compartilhada. Aquele “que concorda conosco que alguma pergunta, pouco considerada por outros, é de grande importância pode ser nosso Amigo”, diz ele. “E não precisa concordar conosco em relação à resposta.”⁴

A Pergunta é grande demais para lidarmos com ela sozinhos. *Precisamos* de amigos que a encarem conosco. Então aqui vai um convite: para os propósitos deste livro, sejamos amigos. A Pergunta é de grande importância para nós, os autores. Nós nos importamos profundamente com ela. E convidamos você a fazer o mesmo. Tudo bem se encontrarmos respostas diferentes.

Uma das coisas mais fantásticas de ter amigos é que eles costumam nos apresentar a outras pessoas – pessoas que começam como amigos deles, mas com o tempo se tornam nossos amigos também.

Desde 2014, nós três ministramos na Yale College, parte da Universidade Yale, uma disciplina chamada Life Worth Living (Vida que vale a pena viver). No correr dos anos, mais de uma dúzia de colegas deram aulas conosco e centenas de estudantes participaram. Reunimos pequenos grupos de cerca de quinze alunos ao redor de mesas de discussão e nos dedicamos juntos à Pergunta. Em cada aula lemos textos de um punhado de pessoas de grandes

religiões e tradições filosóficas que nos ajudam a orientar a conversa. Intermediamos conversas semelhantes com grupos de adultos em meio e fim de carreira e com um grupo de homens encarcerados numa prisão federal. Em cada contexto, tratamos o curso como uma longa conversa entre amigos do presente com a ajuda de amigos extraordinariamente perspicazes do passado.

É isso que faremos nestas páginas. À medida que as oportunidades surgirem, traremos à mesa algumas pessoas de todo o planeta e de toda a história que pensaram profundamente na Pergunta. Deixaremos que elas falem e veremos o que podem nos ensinar em relação ao que mais importa e por quê.

Ouviremos de novo o Buda e outras figuras de tradições religiosas e filosóficas (Abraão, Confúcio, Jesus e outros), mas também pessoas menos conhecidas que seguiram uma dessas tradições, e até mesmo alguns dos nossos contemporâneos. Pense neste livro como uma mesa de discussão que desafia as regras de tempo e espaço. Nessa mesa, de algum modo todos conseguimos nos sentar ao lado do pessoal mais inteligente. Como dizemos aos nossos alunos em Yale, quanto mais você se concentra em ouvir o que seus amigos à mesa estão dizendo, mais você vai extrair da experiência.

Antes de irmos em frente, queremos fazer quatro breves alertas. Caso contrário, a mesa de discussão pode levar a alguns equívocos bastante sérios.

1. Na maior parte do tempo descreveremos o que outras pessoas pensam. Quando fizermos isso, tentaremos tornar essas perspectivas o mais convincentes possível, mas elas não serão necessariamente as *nossas* perspectivas. Não acreditamos em tudo que expomos aqui. Durante a leitura, esteja atento para ver se estamos apresentando nossos pontos de vista ou descrevendo o de outra pessoa. Isso não somente reduzirá os equívocos como também ajudará você a avaliar a conversa dinâmica de perspectivas diversas.

Dito isso, é importante que você saiba que não somos uma espécie de guia turístico imparcial para o Reino da Boa Vida. Ninguém aborda a Pergunta a partir do nada. Todos temos crenças e bagagens. Como fazemos desde que a disciplina foi ministrada pela primeira vez, vamos dizer brevemente a posição que ocupamos no mundo: nós três somos cristãos. Mais especificamente, teólogos cristãos (isso significa que nosso trabalho é pensar na fé cristã) que moram e trabalham nos Estados Unidos. Nós nos esforçamos (por motivos especificamente cristãos)

para ser equânimes no tratamento de todas as vozes ao redor da mesa. Tentamos não embaralhar as cartas a nosso favor. Mas seria desonesto não dizer de onde viemos. Faça o que quiser com essa informação.

2. Quando trazemos pessoas à mesa, não estamos supondo que elas possam falar em nome de religiões ou escolas filosóficas inteiras. Não há como resumir em poucas páginas, nem mesmo em poucos livros, o que representam milhares de anos de belas tradições. Não pretendemos que você termine a leitura achando que agora entende o confucionismo, o utilitarismo ou o judaísmo, mas que aprendeu algumas ideias fundamentais com o que pessoas específicas dessas tradições disseram e fizeram. E, se o pensamento de algum amigo à mesa realmente lhe interessar, vá descobrir mais sobre ele (nós dizemos a mesma coisa aos alunos em Yale no primeiro dia de aula).
3. Não presuma que todas as pessoas que trazemos à mesa concordam umas com as outras em relação ao que é realmente importante. Pode ser tentador pensar assim, em especial para aqueles que acham que as discordâncias religiosas e ideológicas impulsionam os conflitos sociais, culturais e políticos dos nossos dias. Um meio-termo universal com o qual todo mundo concorde poderia ser de grande ajuda, mas isso não existe. É por isso que gostamos da metáfora da mesa de discussão. Os professores de humanas não entram nas salas de aula presumindo que todos os alunos pensam a mesma coisa. Nem que todos pensarão a mesma coisa no fim do curso. Tolerar a discordância faz parte do debate.
4. Também faz parte do debate saber que, inevitavelmente, alguém fará o último comentário na conversa – o que não significa que todos decidiram a questão. Só quer dizer que a aula terminou. O mesmo acontece na nossa mesa de discussão imaginária. Alguém precisa ser o último, mas isso não significa que a pessoa deu a melhor resposta ou a resposta final. O fato de terminarmos um capítulo com uma visão específica não significa que ela seja a certa ou mesmo que achemos que é a certa.

Pois bem. Sem mais delongas, vamos ao que interessa.

Dis-pa-ra-ta-do

Por acaso cada um de nós, os autores, tem uma filha. Quando a de Ryan estava com 6 anos e aprendendo a ler, começou a experimentar palavras grandes. Palavras como *disparatado*.

Quando seus olhinhos de 6 anos olharam para DISPARATADO, viram uma fiada de letras impronunciável, ilegível, efetivamente interminável. Tudo na menina dizia para jogar a toalha. Só que, quando você é a mocinha que está lendo *O livro sem figuras* para seu irmão caçula, não dá para desistir e simplesmente entregar o livro ao papai. Afinal de contas, o negócio é sério.

Ela aprendeu que o truque é pegar essa sopa de letrinhas assustadora e dividi-la em pedaços mais administráveis: DIS-PA-RA-TA-DO. Essa, sim, é uma montanha fonética fácil de escalar.

Já dissemos que a Pergunta é assustadoramente grande. É disparatadamente grande. É o tipo de pergunta que pode dar vontade de jogar a toalha. Só que, quando você é a pessoa responsável por moldar sua vida, não dá para desistir e simplesmente entregar sua vida a outra pessoa. O negócio é realmente sério.

Gostaríamos de sugerir o mesmo truque que a filha de Ryan usou com *disparatado*: pegue a Pergunta grande e assustadora e a divida em pedaços que sejam pelo menos mais administráveis. A reflexão sobre o que mais importa na vida é mais ou menos como a fonética. Só que os pedaços mais administráveis não são sílabas – são subquestões menores, mais focalizadas, que abordam aspectos individuais da Pergunta disparatadamente grande.

Essa é a abordagem que usamos no nosso curso Life Worth Living. Ela funciona. Os estudantes chegam sem saber como começar a fazer a Pergunta ou até mesmo sem saber que existe uma Pergunta a ser feita. Sabem menos ainda como *respondê-la*. Mas saem do curso com recursos que os ajudam a voltar repetidamente a ela, com mais confiança e mais chances de chegar a algumas respostas boas.

Aqui faremos o mesmo. Em cada capítulo abordaremos uma das subquestões, veremos quem levanta a mão para oferecer uma resposta e depois discutiremos outras respostas possíveis.

O que esses capítulos não farão é responder às subquestões por você. Isso cabe a você. Ainda que seja importante ter amigos ao seu lado durante

a busca, na verdade só você pode responder à Pergunta – ou mesmo aos pedacinhos mais administráveis – do seu jeito.

Só você

Até que ponto somos livres para moldar nossa vida? E quanta responsabilidade temos por ela?

Existe um jogo de baralho muito popular entre as crianças chamado jogo da guerra. No início da partida, você recebe cartas aleatórias. O mesmo acontece com todo mundo à mesa. Você não sabe quais são as suas cartas e também não pode ver as dos outros. Cada jogador vira a carta de cima da sua pilha. Quem tirar a mais alta pega todas as cartas que foram viradas e as coloca na base da sua pilha. Se dois jogadores ou mais empatarem no valor da carta mais alta, eles viram outra... e outra... e outra... até que um deles mostre uma carta de valor mais alto.

O jogo continua – inexoravelmente, implacavelmente – até que um jogador tenha todas as cartas.

Não existem decisões no jogo da guerra. Só um procedimento. Qualquer máquina capaz de reconhecer quais cartas têm valor mais alto ou mais baixo poderia jogar tão bem quanto um ser humano. Ninguém é responsável pelo resultado do jogo.

No início de uma rodada de pôquer, como no jogo da guerra, você recebe uma mão de cartas aleatória. O mesmo acontece com todo mundo à mesa. Você não pode ver as cartas dos outros, mas *pode* ver as suas. À medida que o jogo continua, os jogadores apostam e cartas são viradas na mesa para todos os jogadores combinarem com as que estão segurando. A ideia é conseguir montar a melhor mão de cinco cartas.

Existem regras que dizem quais mãos são melhores. E existem regras sobre como você pode reagir a cada momento da rodada. Pode haver limites em relação a quanto e com que frequência você pode apostar. Você não pode jamais virar cartas de outros jogadores, não pode reembaralhar as cartas aleatoriamente... Esse tipo de coisa.

Quando joga pôquer, você não está totalmente no controle. Não escolhe suas cartas. Nem as dos seus oponentes. Nem o modo como eles apostam.

Ou como eles reagem às suas apostas. Nem as regras do jogo. A maior parte dessas coisas está fora do seu controle.

Mesmo assim você é responsável pelo modo como joga. Você não pode determinar o resultado. Isso sempre depende do acaso e do desempenho dos outros jogadores. Mas você também tem alguma influência no resultado. O modo como as coisas acontecem depende em parte do que você faz com suas opções. Você é um participante. E é responsável por como participa.

O jogo da guerra e o pôquer têm uma diferença muito nítida. No jogo da guerra você aparentemente não tem escolhas nem responsabilidades, ao passo que no pôquer você tem algumas escolhas restritas e algumas responsabilidades reais. Mas o negócio é o seguinte: mesmo no jogo da guerra, você tem algum tipo de responsabilidade. Você não é responsável nem de longe pelo resultado, claro, mas é responsável pelo modo como joga. Você vai ser gentil com a menininha que está se divertindo à beça do outro lado da mesa? Ou vai se ressentir porque ela arrastou você para esse inferno determinístico? Vai seguir as regras? Ou vai disfarçadamente mudar de lugar para pegar uma pilha melhor enquanto seu oponente saiu para comer um biscoito? (Um de nós já tentou fazer isso aos 4 anos. Não deu certo.)

A vida é mais parecida com o pôquer ou com o jogo da guerra? Quanta margem de manobra as “regras” da vida nos dão? É difícil dizer. Existem bons argumentos dos dois lados. Mas, independentemente de onde está a verdade no espectro que vai do pôquer ao jogo da guerra, há dois pontos importantes. Primeiro, você tem *alguma* responsabilidade pelo formato da sua vida (e isso inclui seus ganhos, suas perdas e o modo como você joga). Segundo, essa responsabilidade não é ilimitada. É restrita. Você não determinou o lugar onde nasceu. Um mundo enorme, absurdamente complicado, está sempre moldando as situações em que você se encontra. E você não determina os resultados. (O trabalho duro e a determinação não garantem o sucesso. Isso é uma ficção. E é uma ficção nociva.)

Você não determina nem mesmo *quem* você é. Todas as pessoas passam por situações transformadoras que, se tivessem escolha, elas evitariam. Em níveis realmente importantes, simplesmente nos descobrimos sendo quem somos.

Você não é um ditador onipotente. Não dá todas as ordens. Isso é bastante óbvio.

Mas, voltando ao primeiro ponto, você também não é uma pedra.⁵ Uma pedra não reage se alguém a pega, a cinzela um pouco e a usa para enfeitar o jardim. Já você reage, de um jeito limitado mas muito real, ao que acontece com você e ao seu redor. Você joga a sua cartada.

Você também não é um hamster. Um hamster reage se alguém o pega. Talvez seja até capaz de escolher como reagir. Mas um hamster não pode perguntar como *deveria* reagir. Você pode. E, já que pode, você é responsável por fazer isso ou não.

Mesmo aqui existem restrições. Os antigos maias não podiam simplesmente decidir que o sentido da vida era buscar a iluminação, seguir Jesus ou lutar pela justiça racial. Para eles, essas possibilidades nem eram cogitáveis. Mas mesmo assim a responsabilidade era real. Só porque existe um caminho normal a seguir, isso não significa que você não seja responsável por segui-lo ou não. Só porque existe uma visão padronizada do que seria uma boa vida para alguém como você, isso não significa que você não seja responsável por adotá-la ou não.

Essa é a essência da responsabilidade restrita que caracteriza a sua vida.⁶ É a responsabilidade de discernir, do melhor modo possível, que tipo de vida realmente vale a pena buscar: a responsabilidade de enxergar a Pergunta e responder a ela.

É tão ruim quanto parece (e isso é bom)

Sem dúvida, a citação mais amada de Jesus de Nazaré nos dias de hoje é “Não julguem, para que não sejam julgados”,⁷ e não somente porque alguns cristãos contemporâneos se mostram perturbadoramente dispostos a julgar os outros. Nós fugimos do julgamento – especialmente o julgamento de toda a nossa vida. Nosso maior temor quando alguém julga uma parte da nossa vida é o de que na verdade a pessoa esteja julgando o todo.

Este livro diz que nossos maiores temores são verdadeiros. Nossa vida – não somente um ou outro aspecto, mas toda ela – está sujeita a julgamentos. Quem a julga e segundo quais padrões são questões importantes. Abordaremos isso nas próximas páginas. Mas começamos com a ideia de que nossa vida como um todo pode ter sucesso ou fracassar. Algumas coisas

que fazemos e deixamos de fazer indicam sucessos e fracassos não somente num ou noutro aspecto da vida, mas na nossa própria humanidade.

Só que este livro também afirma que é bom que nossa vida tenha esse tipo de risco. O sentido e a riqueza da vida como a conhecemos e a vivemos, aqui e agora, vêm em parte da seriedade que ela carrega. Um jogo de campeonato significa mais do que uma pelada improvisada porque há mais coisas em risco. De modo ainda mais fundamental, o peso da nossa vida vem do fato de ela ser insubstituível. Segundo a maioria dos relatos, temos apenas uma vida para viver. Segundo a maioria dos relatos, não existe nada mais precioso do que a vida. Ter sucesso ou fracassar em relação à totalidade da nossa vida é a coisa mais importante que podemos fazer.

Acima de tudo um arquiteto

Albert Speer (1905-1981) era um rapaz inteligente e um arquiteto brilhante. Quando Hitler lhe ofereceu o cargo de principal arquiteto do Partido Nazista, ele tinha menos de 30 anos. Achou impossível recusar a oferta. Ele era, como disse, “acima de tudo um arquiteto”.⁸ E Hitler lhe ofereceu a oportunidade de “projetar prédios de um tipo que nunca tinha sido visto em 2 mil anos”. Uma pessoa precisaria ser “moralmente muito estoica para rejeitar essa proposta”, escreveu ele anos depois. “Mas eu não era nem um pouco assim.”

Portanto ele aceitou. E depois participou (mais do que jamais admitiu) de alguns dos crimes mais escandalosos da história. Serviu ao esforço de guerra alemão, usou trabalho escravo, facilitou o Holocausto. E enquanto isso, de fato, projetou prédios espetaculares.

Existe certa grandeza em Albert Speer. Ela está no fato de ele ter sido “acima de tudo um arquiteto”. Essa dedicação singular à sua carreira fez dele um arquiteto excepcionalmente *bom*. Mas essa grandeza também contém a monstruosidade de sua vida, porque essa mesma dedicação singular o tornou um ser humano excepcionalmente *mau*.

É possível termos sucesso nas nossas maiores aspirações e ao mesmo tempo fracassarmos como seres humanos.

Parte da beleza de nossa humanidade é que somos capazes de fazer a

Pergunta e formular respostas a ela. Essa capacidade torna possível tanto a bondade quanto a corrupção da nossa humanidade, tanto a verdade quanto a falsidade da nossa vida.

Talvez pouquíssimos de nós algum dia enfrentem o tipo de fracasso catastrófico exemplificado por Speer. Talvez não sejamos confrontados com a questão de saber se vale a pena realizar nossas ambições pessoais colaborando com crimes contra a humanidade. E assim talvez escapemos de responder com um pavoroso “sim”, como Speer. Ou talvez deixemos de alcançar nossa humanidade apenas por não aspirar a qualquer coisa particularmente importante. Mas cada um de nós precisa responder pela própria vida de um jeito ou de outro. Será que basta apostar que, se não conseguirmos viver uma vida digna, pelo menos o fracasso não será tão retumbante? Ou talvez devamos, em vez disso, abraçar a Pergunta, nos dedicar a respondê-la do melhor modo possível e procurar ser pessoas que não diriam “Eu era acima de tudo um arquiteto”, mas “Eu era acima de tudo um ser humano”?

Como ler este livro

Esperamos tê-lo convencido de que vale a pena investir tempo e energia em buscar respostas. Afinal, a vida que escolhemos é coisa séria. Mas é importante esclarecer: pensar na Pergunta é uma coisa; fazer isso lendo, escrevendo e dedicando tempo de reflexão é outra. Sabemos que nem todo mundo poderá refletir sobre a Pergunta do jeito que sugerimos. Desigualdades sistêmicas e outros fatores podem impossibilitar isso. Ao longo de toda a história, a maioria das pessoas se questionou sobre o que importa e por quê, o que significa prosperar, que tipo de vida vale a pena viver... E a maioria fez isso sem contar com a leitura de livros e sem escrever seus pensamentos. Muitas fizeram isso enquanto trabalhavam e passavam por dificuldades. Milhões ainda fazem isso hoje em dia.

Também existem milhões que são incapazes de refletir sobre isso por terem deficiências intelectuais ou outras limitações. De fato, todos éramos incapazes de fazer isso no início da vida. E muitos terão essa capacidade afetada radicalmente pela demência. Não existe nenhuma questão huma-

na que seja maior do que a Pergunta, mas isso não significa que você só será um humano completo se puder se dedicar a respondê-la.

O que tudo isso significa é que há certo privilégio no fato de você estar aqui lendo estas páginas: neste momento você tem capacidades e oportunidades que nem todo mundo tem. Queremos que você honre esse privilégio e faça bom proveito dele. Então aqui vão algumas recomendações:

1. Leia os capítulos na ordem. As cinco partes do livro seguem uma progressão, e os capítulos estão concatenados uns nos outros. Provavelmente você aproveitará a experiência ao máximo se seguir esse caminho em vez de pular para a frente e para trás em busca das perguntas mais interessantes. Dividimos a Pergunta em segmentos um pouco mais administráveis, mas isso não significa que eles devam ser analisados aleatoriamente.
2. Encontre um ritmo que funcione para você. Talvez você prefira ir devagar, mas pode ser que queira devorar um capítulo após outro. Qualquer abordagem será ótima! Saiba apenas que não servirá de nada simplesmente correr do início ao fim e depois esquecer o assunto. A Pergunta não é um item numa lista de afazeres. Não podemos simplesmente riscá-la como concluída e seguir em frente. Seja qual for o ritmo que você estabeleça, tente parar um pouco para pensar com calma nas perguntas e afirmações que encontrar. E tudo bem se precisar ler duas vezes um parágrafo, uma página ou mesmo um capítulo inteiro.
3. Experimente escrever durante a leitura. Assim você se envolverá mais com as perguntas e com as vozes que estivermos ouvindo. Escreva onde bem entender, inclusive no próprio livro (a não ser que seja emprestado, é claro). Ficariamos honrados. Como acadêmicos, adoramos sublinhar frases, marcar trechos e fazer anotações nas margens. Ou talvez você prefira usar um caderno para ter mais espaço onde expressar suas ideias.
4. No fim de cada capítulo oferecemos uma seção chamada “Sua vez”. Ali você encontrará sugestões e perguntas para organizar suas reflexões. Elas ajudarão você a trabalhar suas reações, ideias e convicções. Mas

também podem inspirar conversas enriquecedoras com outras pessoas. E isso nos leva a outra recomendação...

5. Converse sobre as ideias que você teve. Pensamos melhor sobre a Pergunta quando dialogamos com outras pessoas, quer concordem conosco ou não. O objetivo não é falar sobre o livro, mas sobre as perguntas e ideias (e, em última instância, os modos de vida) que o livro discute. Seria incrível se você conseguisse reunir algumas pessoas para refletir sobre as mesmas questões por um determinado tempo. Pense, por exemplo, em formar um grupo de leitura (on-line ou presencial) para conversas regulares. Criamos alguns materiais para facilitar esses encontros. Você pode encontrá-los em lifeworthlivingbook.com (em inglês).

6. Por fim, pegue leve. É importante enfatizar o valor que a Pergunta tem, porque nem sempre notamos. Mas também é importante não nos pressionarmos demais. Um livro não “responderá” à Pergunta por nós. A leitura deste livro (ou a escrita dele, por sinal) não se destina a isso. Pelo contrário, pretende ser parte de um processo que dura a vida inteira. (Aliás, as respostas dos autores à Pergunta foram mais uma vez questionadas e refinadas no processo de escrita.) Esperamos que este livro lhe ofereça algo mais durável do que uma resposta. Esperamos que ele ajude você a entender melhor a Pergunta e as subquestões que encontrar no caminho. Se no fim das contas você se sentir capaz de formular e discutir essas questões de um jeito mais preciso, rico e profundo, isso já será o bastante. Afinal, estamos buscando desenvolver hábitos de reflexão, além de habilidades e capacidades que tornem mais viável lidar com a Pergunta. Por fim, esperamos que você termine o livro tendo uma base para desenvolver uma resposta mais firme e convincente ao longo do tempo. O que realmente importa é começar. Então vamos lá.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

